**APOCALIPSE 13**

No capítulo 13 do Apocalipse temos a visão do dragão e de duas bestas. Trata-se de uma paródia ou uma imitação grotesca do projeto de Deus, que é vida, confiado a Jesus, o Filho que cumpre a vontade do Pai e que dá vida à humanidade. Assim, como o Pai confiou ao Filho a realização deste projeto, o dragão confia à besta que surge do mar o seu projeto maléfico. Este mar é o Mediterrâneo dominado inteiramente pelo Império Romano que representava todas as forças dirigidas contra Cristo e a Igreja. Dez diademas coroavam os dez chifres da besta. Apesar de se apresentar como onipotente, ela caminhava para a ruína, pois o número 10 simbolizava a imperfeição. Esta visão que tem o visionário se inspira em Daniel 7 que se refere às perseguições do rei Antíoco Epifâneo.

Esta primeira besta carrega *“nomes blasfemos sobre a cabeça”*. Sabemos que blasfemar significa atribuir a pessoas ou a coisas aquilo que pertence exclusivamente a Deus. Estes nomes, com certeza, eram os títulos que ela carregava. Eles podem ser encontrados em outros lugares do Apocalipse, principalmente nos hinos de resistência cantados pelos crentes: *“Santo”, “Todo-poderoso”* (4,4); *“Que vive pelos séculos dos séculos”* (4,10); *“O louvor, a glória, a sabedoria, a ação de graças, a honra e a força pertencem ao nosso Deus”* (7,12); “*Aquele-que-é e Aquele-que-era”* (11,17). Quem se apoderava destes títulos usurpava o lugar de Deus. Para Collins, a crise abordada no Apocalipse, antes de se referirem ás perseguições aos cristãos, se referia a um conflito ideológico que surge da rejeição absoluta das reivindicações de poder e autoridade por parte do império Romano, principalmente o culto divino ao imperador.

Em retrospectiva, os detalhes da besta se referem a uma espécie de encarnação de todos os impérios opressores que existiram antes: ela parecia com uma pantera (Império Persa), com pés de urso (Império Meda) e com a boca de leão (Império Babilônico). O número 3 representa a totalidade, sinal de que o imperialismo romano era a síntese de toda a crueldade e opressão do passado. Alguns exegetas interpretam a ferida na cabeça da besta que foi curada ao desastroso governo de Nero que acabou no suicídio, mas que foi seguido por Vespasiano e Domiciano que prosseguiram com a expansão e a opressão (STORNIOLLO). A expressão *“Quem é como a besta”* (13,4) é mais uma paródia que recorda o nome Miguel , *“Quem é como Deus?”.*

A besta domina o mundo inteiro, inclusive os santos. A situação é grave. Um pequeno resto não aderiu ao projeto da besta, mas esta assassina quem se opõe. Por isso, em 13, 9-10, o autor convida ao discernimento. Esta máxima é de difícil entendimento, mas a maior parte dos especialistas afirma que aqui João apela para a Igreja se manter firme até o fim diante de seus perseguidores, custe o que custar (Bíblia de Jerusalém). Repudia qualquer adesão. Isso pode acabar em prisão e morte pelo testemunho dado, como acontecia com o próprio autor exilado em Patmos por causa do testemunho de Jesus. Se não for assim, a besta não seria vencida e o projeto de Deus não se realizaria. E termina afirmando que *“Nisto se firma a perseverança e a fé dos santos”.*

A partir do verso 11, surge da terra uma segunda besta. Tinha dois chifres como um Cordeiro, semelhante a Cristo portanto, mas falava como um dragão. Era um falso profeta, como se afirma em 16,13. Tinha a mesma autoridade da primeira besta. Ela opera maravilhas de encantamento, seduz os habitantes da terra, ameaça com a morte os que não adorassem a primeira besta (divinização da besta). É uma imitação grotesca do Espírito, é a propaganda ideológica do Império. O dragão, a primeira e a segunda bestas são uma caricatura da Trindade (Bíblia de Jerusalém). Toda propaganda que diviniza pessoas ou coisas é também blasfêmia contra o Deus vivo. Os leitores-ouvintes do Apocalipse entendiam muito bem essas metáforas e símbolos. As cidades da Ásia Menor, onde viviam, estavam cheias de templos onde se praticava o culto imperial, principalmente em Pérgamo.

A marca da besta era uma forma de controle sobre toda a sociedade. Ela controlava a vida das pessoas, suas ações (a mão direita) e até a sua consciência (testa). Quem não trouxesse a marca, estava impedido de fazer qualquer coisa, nem podia viver. Quem poderia se opor a esta pressão ideológica que tira a liberdade e impede o acesso à vida? O apelo ao discernimento prossegue em 13,18 que dá um número à besta. Em grego e em hebraico, cada letra tinha um valor numérico segundo o lugar que ocupava no alfabeto. O número de um nome é o total de suas letras. Aqui “666” seria Cesar-Neron (em letras hebraicas); uma variante “616” seria Cesar-Deus (em letras gregas). Aos seguidores da besta, marcados com o número de seu nome, João opõe os seguidores do Cordeiro, marcados com o seu nome e o nome do seu Pai.

PROPOSIÇÃO 02 | Valor: 3,0 Exercite uma leitura narrativa do Apocalipse. Leia o texto a partir do relato em primeira pessoa do visionário, dos seus ajudadores (anjos guias e intérpretes), de suas reações emocionais, dos cenários por onde passa, por seus movimentos e deslocamentos no espaço. Confronte essa leitura com a que usa o Apocalipse como relato de eventos "históricos" que devem acontecer no futuro.

A partir do capítulo 4, iniciam-se as visões proféticas do Apocalipse na primeira pessoa do seu autor, o visionário João. Ele começa com a viagem celestial do profeta. Sua primeira visão é a do trono para dizer que Deus é o Senhor da história. Desde este momento, sucedem-se as imagens espetaculares entremeados com sons retumbantes. É uma narrativa extremamente imagética, metafórica e labiríntica. Estas imagens e toda a sua ficção ativam os jogos de imaginação que despertam os padrões emocionais dos seus leitores-ouvintes, geralmente de medo ou de escândalo. É o que chamamos de catarse. O Apocalipse tem a ver com certo descarregamento de energias distintas e dualistas, ele experimenta o sagrado no limite da linguagem do fascinante, do fantástico, do violento, do monstruoso e até do grotesco.

No início do capítulo 4, uma voz misteriosa e forte, certamente de um anjo guia, convoca o visionário para entrar no Céu e conhecer as coisas que estão por vir. João se sente movido pelo Espírito. A partir daí, símbolos e metáforas se sucedem em profusão. As palavras mais frequentes nos capítulos 4 e 5 são trono, alguém sentado nele, 24 anciãos vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça, 4 Seres Viventes, milhões de outros anjos e o Cordeiro. Todos fazem parte da corte celestial participando de uma liturgia viva e melodiosa. A divindade não é nominada, mas apenas seus aspectos e qualificativos sempre impactantes: *“o que estava sentado no trono tinha um aspecto de uma pedra de jaspe e cornalina e um arco-iris envolvia o trono com reflexos de esmeralda.”* O cosmo se faz presente desde já, com esse arco-iris que brotava do trono. Este lembra o poder e quem está sentado nele exerce este poder. *“Sentado em seu trono”* significa a glorificação do que está sentado no trono pela corte celestial.

Relâmpagos, vozes e trovões saídos do trono são elementos frequentes das teofanias do Antigo Testamento desde o Sinai. Diante do trono, sete lâmpadas de fogo que representam os sete Espíritos de Deus, e um mar de vidro, semelhante ao cristal. O mal, representado pelo mar de vidro, está congelado e impotente diante de Deus. Os quatro Seres Viventes, cheios de olhos na frente e por trás, é um simbolismo inspirado em Ezequiel (1,5-21) e se referem aos quatro anjos que governam o mundo físico. Quatro é um número cósmico (os pontos cardeais, os ventos, etc.). Estes numerosos olhos simbolizam o conhecimento universal e a providência divina. Suas formas de leão, touro, homem e águia representam o que há na criação de mais nobre, forte, sábio e ágil, respectivamente. A forte dinâmica da narrativa mistura imagens e sons. Os quatro viventes cantam o “Sanctus” e os anciãos proclamam o “Dominus dignus est” em uma harmoniosa ciranda de adoração.

No capítulo 5, o profeta vê um livro lacrado com sete selos na mão direita do que está sentado no trono. Ele contém o segredo do que vai acontecer com a humanidade. Mas ninguém é digno de abri-lo. O profeta, então, cai em prantos diante do impasse. Até que surge o Cordeiro que *“estava de pé, como que imolado”*, ou seja, Jesus está vivo depois de ter passado pela tortura e morte. É vitorioso, mas, ao mesmo tempo, denuncia a sociedade e o Estado que o mataram. O Cordeiro tem sete chifres. Sete é o número da perfeição e chifre era sinônimo de poder. O Cordeiro recebe o livro das mãos do que está sentado no trono. Ele é o único capaz de tirar os selos, abrir o livro e desvendar a história e os desígnios de Deus para a humanidade, proclama um Anjo em alta voz. A corte celestial inicia, então, uma sucessão de cânticos em adoração ao Cordeiro, em meio ao perfume do incenso. Os sentidos se confundem diante da glória do divino.

O capítulo 6 muda completamente a visão do profeta. O Cordeiro rompe os seis primeiros selos e começa a revelar o segredo do livro. São visões trágicas e violentas que se sucedem. Ao abrir os 4 primeiros selos, aparecem 4 cavalos e 4 cavaleiros. Estes cavaleiros foram entendidos como eventos e poderes, passados e futuros. Mas o fato de virem em um conjunto, convocados pelos Seres Viventes da mesma forma com um *“Vem!”* e estando todos armados, mostra que eles retratam em conjunto a realidade da guerra. Estes cavaleiros representam, de forma espetacular, os diferentes aspectos da opressão militar no mundo mediterrâneo dominado pelo Império Romano: dominação, morte violenta, fome, peste. O fato de eles abrirem o ciclo das pragas sugere a atualidade dessas visões.

Todos estes ciclos de desgraças são introduzidos pelos 4 cavaleiros. O característico da linguagem do Apocalipse é integrar e inverter os elementos da narrativa. A apresentação dos cavaleiros é comandada pelo Cordeiro e seus anjos. A estes 4 selos segue-se um quinto, e nele encontramos também cristãos mortos, os que haviam testemunhado a sua fé, vítimas colocadas sob o altar celestial. Ou seja, a realidade de que trata o Apocalipse, descrita com densidade simbólica e mítica, é tão determinante que ela não permite que a narrativa a isole, como afirma Nogueira. Ao abrir o sexto selo, partindo da violência militar e das desgraças que causava, as pragas passam a descrever cataclismos cósmicos de grande proporção, terremotos, água que se torna sangue, feridas expostas, etc.: *“chegou o grande dia da sua ira, e quem poderá ficar de pé?”* Começa aqui a derrota dos inimigos de Deus.

Os leitores comuns do Apocalipse de João tendem a interpretar os ciclos de pragas como a sequência linear de acontecimentos do tempo escatológico. É como se antes que o final dos tempos viesse, todas as pragas teriam que se realizar. A História da recepção do texto propõe uma interpretação alternativa, não enfatizando a linearidade das ações, mas uma repetição crescente, que, de fato leva o leitor-ouvinte a sincronizar diferentes aspectos problemáticos de sua realidade, como afirma Nogueira. Podemos dizer que a linguagem apocalíptica é uma experiência de poder que possibilita a crítica política, mas uma crítica à realidade política vivenciada pelos seus leitores-ouvintes no seu cotidiano e não uma previsão de futuro.

Calcular eventos ou tempos em que estas pragas teriam acontecido ou viriam a acontecer é deixar de levar em consideração a linguagem mítica em que o Apocalipse foi concebido. Não são fatos acontecidos ou a acontecer, mas âmbitos da realidade humana que, para João, tornam insuportável a existência. O Apocalipse apresenta os problemas da sociedade de forma integrada. As ações humanas são más, as potências são opressoras, os demônios são muitos, a natureza é inóspita. E tudo isso está relacionado entre si. A punição e a libertação divinas sobre o mundo abrangem todos estes âmbitos. A salvação escatológica está relacionada com a origem do mal no tempo primordial. Deus, ao julgar o mundo executando as pragas, está lutando contra as forças do caos que se instalaram no cosmo e na sociedade, como afirma Nogueira.